

“NÃO! SEU COMUNISTA!” – O TRABALHO DA MEMÓRIA NO PROCESSO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO

Luciane Botelho Martins¹

*“A luta do homem contra o poder,
é a luta da memória contra o esquecimento”.*

M. Kundera.

Os últimos acontecimentos no Brasil, principalmente o pré-eleitoral de 2018, trouxeram à tona dizeres como: “Não! Seu comunista!”. Diante disso, não foi difícil observar que se trata de um discurso de sujeitos ideologicamente identificados com saberes que comportam a Formação Discursiva de uma direita neoliberal.

Assim, partindo do princípio de que, todo dizer constitui um conjunto de ditos *já-ditos*, os quais são atualizados pelo processo enunciativo a partir de uma memória discursiva e, sabendo que a memória discursiva é, segundo Pêcheux (2010), tudo aquilo que, na materialidade nos permite ler, reestabelecendo os “implícitos”, sejam eles sob a forma de pré-construído, de elementos citados e relatados, ou ainda sob a forma de discursos-transversos, propomos algumas reflexões sobre o enunciado produzido na interlocução entre as personagens *Mafalda, Filipe e Manolito*, do cartunista argentino Quino. O enunciado, objeto deste estudo foi traduzido e publicado no Brasil a partir de 1973 (auge da ditadura civil-militar no Brasil), enquanto a tirinha compondo o texto original, em espanhol, foi publicada em 18 de junho de 1965, no Diário *El Mundo*, na Argentina.

Isso posto, a presente pesquisa surge de uma dupla motivação. A primeira, diz respeito ao estranhamento frente à “relação metafórica” entre termos de duas línguas, em que o vocábulo “comunista”, em português, surge como tradução do original em espanhol “extremista”. Vale lembrar que, em nosso entender, uma vez que os dois termos estão presentes nas duas línguas não haveria necessidade da troca de um termo por outro. Já a segunda motivação, resulta do incômodo gerado pela repetição do enunciado “Não! Seu comunista!”, em dadas circunstâncias, no presente.

Assim, delineamos o objetivo desta pesquisa: compreender o funcionamento discursivo da materialidade em português, pois compreendemos que no processo de tradução, diante de uma rede de formulações possíveis – Interdiscurso –, a interpelação ideológica fez emergir por meio da memória discursiva, saberes que fundam sentidos “novos”, os quais ressoam no discurso presente. Assim, a fim de cumprir com tal objetivo, faremos a análise de duas versões da mesma tirinha de *Mafalda*: a versão original

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Aracy Ernst. Membro do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD/UFPel). Professora da rede municipal de Rio Grande/RS. Especialista em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em Letras – Universidade Católica de Pelotas UCPEL.

em espanhol em que consta o termo “extremista” e a versão traduzida para o português em que consta o termo “comunista”, por meio do arcabouço teórico-analítico da análise de discurso francesa, a partir da qual mobilizaremos as noções de: Condições de Produção – CP, Discurso Fundador – DF e Memória Discursiva – MD.

Ao observarmos a primeira tirinha – original – publicada um ano antes da intervenção golpista, na Argentina, é bastante relevante pensarmos que naquele momento, o país vivia a construção de um golpe. Mazzei (1997) em seus estudos sobre uma das revistas que circulava na época, explica que o movimento golpista que levou Onganía ao poder foi resultado de um trabalho massivo da mídia impressa. No entanto, embora o diário *El Mundo* não tenha assumido uma postura de enfrentamento ao governo de Illia, pelo contrário, o apoiava segundo Maggio (2012), alguns saberes/dizeres inconscientemente eram reproduzidos pelo jornal que se colocava como um sítio democrático, já que disponibilizava espaço para publicação de autores de diferentes filiações ideológicas. É, pois, diante de um cenário conturbado e de heterogeneidade discursiva que a tirinha a seguir, foi publicada:



Fonte: QUINO. Diário El Mundo, 18/06/1965, p. 8.

No diálogo estabelecido entre Mafalda e Filipe, Mafalda caracteriza as ideias de seu interlocutor como “muy loables”, “pero un poco ingenuas”. A construção da oração coordenada sindética adversativa produz um enunciado cujo discurso é de descrença em relação às “ideias” que aparecem descritas na sequência e, que colocam a cultura como produto em destaque, em relação ao produto-dinheiro. É interessante observar que no discurso de Filipe, cultura e dinheiro ocupam lugares em disputa, o que no dizer de Manolito – um capitalista assumido – é acentuado como posições de rivalidade, em que o dinheiro está para o capitalismo, assim como a cultura está para o extremismo. O termo “extremista” enunciado por Manolito faz referência aos diversos grupos que faziam resistência ao modo capitalista na Argentina, ou seja, de um lado estariam os sujeitos identificados com a lógica capitalista (classe média alta) e de outro todos os grupos que questionavam o sistema e a ele faziam oposição.

Já no Brasil, Mafalda constrói uma trajetória diferente. Ela começa a ser traduzida a partir de 1973 – ano em que o Brasil vivia o pior período da Ditadura Civil-militar. De acordo com Cancian², o governo Médici (1969 – 1974) foi o período mais violento e repressor que o Brasil já teve, isso porque o presidente na época, permitiu que os militares direitistas radicais empregassem a repressão policial-militar contra todos aqueles que estivessem contra o governo ditador. Vale lembrar que além do caráter repressivo, os anos 70 caracteriza-se por ser o período em que houve maior crescimento da pobreza e da desigualdade social no país.

No que concerne o trabalho de tradução, Silva & Cintrão (2013), explicam que três editoras diferentes assumiram os projetos de tradução de Mafalda na época, todavia, esses projetos foram concretizados em momentos distintos. A primeira tradução foi realizada entre 1973 e 1975, pela Artenova do Rio de Janeiro; a segunda saiu em 1982 pela Global Editora de São Paulo e a terceira saiu pela Martins Fontes, à princípio como livretos a partir de 1988 e, em seguida como livro (Toda Mafalda), em 1991.

A primeira editora, de acordo com Silva & Cintrão (2013) trabalhou com cerca de oito tiras de Mafalda na Revista Patota. Essa revista publicou apenas 27 edições mensais, conforme apontam as autoras. A segunda – Global – só foi publicar dez anos mais tarde. As autoras ressaltam ainda que a Global era uma editora voltada a publicação de obras clássicas de pensamento socialista, tais como Marx, Engels e Lênin. Diante disso, como exceção, Mafalda (como gênero tirinha) foi traduzida e agrupada em cinco livretos pela Global.

No que concerne o trabalho da tradução (e sentido), Silva & Cintrão afirmam que o processo de tradução por si só, impõe ao tradutor um grande desafio. Isso porque

...os mesmos signos que uma personagem argentina enuncia podem não evocar no leitor os mesmos referenciais entre os públicos argentinos e brasileiros. Os quadrinhos, além de tudo, podem ser repletos de imagens que dificilmente deixarão o leitor brasileiro esquecer que aquelas cenas e falas não estão representadas como se acontecessem no Brasil (2013, p. 66).

Isso posto, podemos dizer que estamos frente a um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que as autoras apontam a preocupação/necessidade de aproximar os termos da língua-origem à realidade da língua-destino, também destacam que a identidade das personagens e do próprio contexto ideológico da obra-origem são elementos da ordem do insubstituível. Tal constatação só aumenta nossa inquietação frente aos efeitos de sentido produzidos pelo processo de tradução que converteu “extremista” da Língua Espanhola em “comunista” da Língua Portuguesa. Passemos então à análise da versão em português:

² Renato Cancian é cientista social e autor do texto: “Governo Médici (1969-1974) – ‘Milagre econômico’ e a tortura oficial”, publicado na Página UOL Educação, disponível no link: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/governo-medici-1969-1974-milagre-economico-e-a-tortura-oficial.htm> Acesso em 06/06/2019.



Fonte: QUINO. Toda Mafalda: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 2010.p. 18.

Como podemos observar, os sentidos produzidos pelos três primeiros quadros da tirinha, convergem com o texto original. Entendemos que o processo de ruptura se estabelece no último quadro, em que a relação apresentada é a de que o dinheiro está para o capitalismo, assim como a cultura está para o comunismo.

Nosso gesto de interpretação nos leva a afirmar que no processo de significação há uma ruptura com o *já-dado* e a consequente construção de um sentido “novo”. O ponto de partida para que afirmemos isso está no fato de que tanto “extremista” quanto “comunista” são vocábulos licenciados pelas duas línguas (Espanhol e Português-brasileiro), o que não justifica a tomada de um termo pelo outro, pois não há entre os termos uma relação metafórica. De acordo com Pêcheux (1997) a metáfora corresponde a um dizer que ao migrar de um lugar para outro mantém os sentidos dados, pois está identificado com uma mesma FD e isso não ocorre nas tirinhas, já que os termos compõem FDs distintas.

Assim, pelo processo de análise, entendemos que a produção do sentido-outro ocorre porque ao traduzir de uma língua para outra há um processo de interpretação por parte do sujeito tradutor, e uma tomada de posição inconsciente, ou seja, o sujeito assume um lugar a partir de suas filiações ideológicas. No caso que estamos analisando, o termo “comunista” produz a ressignificação do dizer e, conseqüentemente, um discurso outro. Nesse processo, o papel da memória discursiva é fundamental, pois é ela o elemento responsável pelo processo de “escolha³” dos termos/vocábulos na língua traduzida. Podemos dizer ainda que o sentido-outro corresponde a um imaginário necessário, o qual ao constituir-se como objeto simbólico produz um discurso fundador, conforme definido por Orlandi (1993).

Assim, ao refletirmos sobre a relação de contraste que “comunista” *versus* capitalismo na tirinha em português, estamos pensando no funcionamento da memória discursiva, como forma de reestabelecer os implícitos. Ao refletir sobre a questão, Pêcheux afirma que o que o inquieta é entender “onde residem esses famosos implícitos, que estão ‘ausentes por sua presença’ na leitura da sequência” (2010, p.52). Na tentativa de responder ao próprio questionamento, o autor propõe um acréscimo ao que Achard (2010)

³ O termo “escolha” encontra-se entre aspas porque estamos entendendo que essa escolha não é livre, mas determinada pela ideologia que interpela o sujeito.

havia sugerido, ou seja, os implícitos não só surgiriam sob a forma de repetição, mas também de remissão, de retomada ou ainda sob a forma de paráfrase.

Nosso gesto de leitura opta pela compreensão do implícito, na análise da tirinha, como retomada, seguida da repetição como forma de fundar/estabilizar/sedimentar o dizer. Assim, uma vez estabilizado, o dizer toma a forma de pré-construído e emerge no intradiscurso via memória discursiva.

Para que possamos compreender o funcionamento da memória a partir de uma retomada, sugerimos a revisitação ao Manifesto do Partido Comunista de Marx & Engels [2005 (1848)], mais especificamente quando os autores afirmam que,

As objeções feitas ao modo comunista de produção e de apropriação dos produtos materiais foram igualmente ampliadas à produção e à apropriação dos produtos do trabalho intelectual. Assim como desaparecimento da propriedade de classe equivalente, para o burguês, no desaparecimento de toda produção, o desaparecimento da cultura de classe significa, para ele, o desaparecimento de toda a cultura. (p. 54).

A partir da citação, estamos autorizados a pensar que o embate entre o sistema capitalista e o comunista está na propriedade do que é produzido. Os comunistas não defendem a supressão da propriedade pessoal adquirida pelo trabalho do indivíduo, visto que isso já é feito pelo próprio sistema capitalista quando concentra o capital – fruto do trabalho do operário assalariado – na classe burguesa. O que é criticado é justamente essa concentração de capital nas mãos de quem não trabalha, mas explora a força de trabalho do outro, mantendo-o em uma posição de operário permanente (alimentado pela promessa/esperança de que um dia chegará a ter suas próprias reservas – seu próprio capital). Nota-se que nesse embate, a cultura ocupa o lugar de produto em disputa entre burgueses e proletários, tanto quanto o dinheiro. Segundo Adamovsky, “en general, la ‘cultura’ tenía gran valoración como manifestación del estatus social, incluso más que el dinero” (2012, p. 366). Assim, o temor burguês de perder a propriedade da cultura (produto intelectual) vem da ideia como a concebe: propriedade privada.

Decorre daí a relação cultura-comunismo (re)produzida no discurso da personagem Manolito, pois tornar a cultura acessível a todos é torná-la um bem comum, princípio que fere os ideais capitalistas. Essa reflexão permite-nos entender que a produção desse sentido é constituída por meio da memória discursiva que retoma saberes já-ditos em outro lugar.

Vale lembrar que, ao considerar memória discursiva como lugar, é importante destacar que esse lugar não é um lugar de sentidos fixos, de sentidos dados, isso porque a cada novo acontecimento discursivo, novas redes de memória são construídas e sentidos-outros podem ser ressignificados, atualizados. Como vimos, os sentidos produzidos pelo discurso em Língua Portuguesa são diferentes dos sentidos produzidos no discurso em Língua Espanhola. Outra questão importante e que merece ser lembrada é que a construção de sentidos-outros, produz uma ruptura com sentidos dados como estabilizados, abrindo espaço para a circulação de novos sentidos, abrindo espaço para uma nova ordem do discurso – o discurso fundador.

Temos, então, na versão brasileira, um discurso que aponta uma filiação ideológica distinta daquela produzida no texto original. Nesse processo, o papel da memória discursiva é fundamental, pois é ela o elemento responsável pelo processo de “escolha⁴” dos termos/vocábulos na língua traduzida. Podemos dizer ainda que o sentido-outro corresponde a um imaginário necessário, o qual ao constituir-se como objeto simbólico produz um discurso fundador, conforme definido por Orlandi (1993). Assim, em “Não! Seu comunista!” temos o retorno do “velho” e a fundação do “novo”. Retorno do “velho” porque por meio da memória discursiva a luta de classes (representada no manifesto comunista pelo embate entre capitalismo e comunismo) ressurgiu no dizer, o sujeito enunciativo assume o lugar de rechaço ao comunismo. E, fundação do “novo” porque há um processo de ruptura com o discurso produzido no texto original.

Vale lembrar que quando Orlandi diz que “dar sentido e construir limites é desenvolver domínios, é descobrir sítios de significância, é tornar possíveis os gestos de interpretação” (1993, p. 15), ela está chamando atenção para a historicidade. A análise mostra processos de historicidade distintos entre Argentina e Brasil. Na Argentina, as condições de produção geraram um discurso cujo sentido aponta conflito/embate entre diferentes filiações ideológicas. No Brasil, o embate ocorre entre duas formações discursivas cujas filiações ideológicas comportam de um lado os comunistas e de outro os anticomunistas (sentido ligado aos ecos da ditadura no Brasil, para quem “ser comunista” era ser criminoso). E, é esse o sentido que reverbera em nosso presente, ou seja, hoje, a luta de classes está mais presente do que nunca: classe dominante X classe dominada; capitalistas X “comunistas” ecoando na constante disputa pela cultura, pela educação.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. [trad.] José Horta Nunes. 3ª ed. Campinas. SP: Pontes Editores, 2010.
- ADAMOVSKY, Ezequiel. *Historia de la Clase Media Argentina – apogeo y decadencia de una ilusión, 1919-2003*. 5ª ed. Buenos Aires: Grupo Editorial Planeta, 2012.
- CAZARIN, Ercília Ana. *Heterogeneidade discursiva: relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L. I. Lula da Silva*. 1998. 149f. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: EdUFSCar, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. [trad.] Luiz Felipe Baeta. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- GADET, Françoise & PÉCHEUX, Michel. *A Língua Inatingível – o discurso na história da linguística*. [trad.] Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.
- MAGGIO, Marcelo. *Diário El Mundo – PRT-ERP: prensa masiva para una política de masas*. Buenos Aires: Editorial Cooperativa El Río Sueno, 2012.

⁴ O termo “escolha” encontra-se entre aspas porque estamos entendendo que essa escolha não é livre, mas determinada pelo processo de interpelação ideológica.

- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. [trad.] Álvaro Pina. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- MAZZEI, Daniel H. *Los medios de comunicación y golpismo*. La caída de Illia 1966. Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 1997.
- ORLANDI, Eni. Prefácio. In: ORLANDI, Eni. (Org.). *Discurso Fundador*. Campinas: Pontes, p. 7- 9, 1993.
- ORLANDI, Eni. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni. (Org.). *Discurso Fundador*. Campinas: Pontes, p. 11-25, 1993.
- ORLANDI, Eni. Texto e Discurso. *Organon*, vol. 9, n. 23. 1995. <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29365/18055>
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, F. e HAK, T (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. [trad.] José Horta Nunes. 3ª ed. Campinas. SP: Pontes Editores, 2010, pp. 49-56.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. [trad.] Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1997.
- QUINO. *Toda Mafalda: da primeira à última tira*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SILVA, Bárbara Zocal da; CINTRÃO, Heloisa Pezza. *Traduções da Mafalda no Brasil: que história é essa?* 9ª Arte, São Paulo, v. 2, n.1, p. 58-71, 2013.